



ICONOCLASTIA CONTEMPORÂNEA E CULTURA DO ESPETÁCULO: O CASO MARIELLE FRANCO

EDITORIAL FROM THE JORNAL NACIONAL ON THE 500,000 COVID DEATHS IN BRAZIL AS A VECTOR FOR OTHER PERFORMANCES: THE REVERBERATION OF THE NEWS ON TWITTER

EDITORIAL DEL JORNAL NACIONAL SOBRE LAS 500.000 MUERTES POR COVID EN BRASIL COMO VECTOR DE OTRAS PERFORMANCES: LA REVERBERACIÓN DE LA NOTICIA EN TWITTER

Francielle Czarneski¹

Leticia Porfírio²

Resumo: O artigo examina a iconoclastia e sua espetacularidade sob teorias da imagem. Começando com uma análise histórica da iconoclastia bizantina, o texto discute a persistência e o poder simbólico das imagens. Em seguida, explora o incidente contemporâneo da destruição da placa em homenagem a Marielle Franco e sua exposição pública por deputados. A conduta dos parlamentares é interpretada como uma estratégia para desafiar oponentes e alimentar tensões políticas e sociais. Essa análise destaca a complexidade da cultura do espetáculo na sociedade contemporânea, revelando uma compreensão do poder simbólico e político das imagens, bem como as tensões inerentes a uma cultura marcada pela espetacularização da política e da violência.

Palavras-chave: Iconoclastia, Marielle Franco, teoria da imagem, cultura de mídia, espetacularidade.

Abstract: The article examines the iconoclasm and its traits about the image theories. Starting with a historical analysis of the byzantine iconoclasm, the text debates the persistence and the symbolic power of the images. Moving on, it explores the contemporary incident when the plaque in honor of councilwoman Marielle Franco was destroyed and it was exposed by politicians. The attitude and conduct of parliamentarians was taken as a strategy to defy their opposites and feed the tension on the social and politician scenarios. This analysis reinforces the complexity of the culture of spectacle in our contemporary society, and reveals a comprehension of the symbolical and political power of the images, as well as the tensions related to a culture marked by the influence of politics and violence spectacularized.

Keywords: Iconoclasm, Marielle Franco, image theory, media culture, spectacularity.

1 Mestranda em Comunicação e Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Comunicação e Linguagens (PPGCom/UTP) da Universidade Tuiuti do Paraná UTP, sendo Bolsista PROSUP/CAPES. Graduada em História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021) e em Artes Visuais pela Universidade Tuiuti do Paraná (2014). fran.czarneski@hotmail.com

2 Doutoranda em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Mestre em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). leti.porf@gmail.com

Resumen: El artículo examina la iconoclastia y su espectacularidad bajo las teorías de imagen. Comenzando con un análisis histórico de la iconoclastia bizantina, el texto discute la persistencia y el poder simbólico de las imágenes. Luego, explora el incidente contemporáneo de la destrucción de la placa en homenaje a Marielle Franco y su exposición pública por parte de diputados. La conducta de los parlamentarios se interpreta como una estrategia para desafiar a oponentes y alimentar tensiones políticas y sociales. Este análisis destaca la complejidad de la cultura del espectáculo en la sociedad contemporánea, revelando una comprensión del poder simbólico y político de las imágenes, así como las tensiones inherentes a una cultura marcada por la espectacularización de la política y la violencia.

Palabras clave: Iconoclasia, Marielle Franco, teoría de la imagen, cultura de los medios, espectacularidad.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a interconexão entre iconoclastia e teoria da imagem, utilizando como foco de análise o caso emblemático de Marielle Franco. A escolha de tal temática fundamenta-se na relevância contemporânea das discussões sobre o papel das imagens na esfera pública, especialmente quando associadas às figuras públicas cuja influência transcende sua existência física.

O recorte específico deste estudo concentra-se na compreensão da influência das imagens após a morte de Marielle Franco, vereadora e defensora dos Direitos Humanos, cujo assassinato gerou comoção nacional e internacional. A abordagem teórica interdisciplinar se baseia nos fundamentos de Hans Belting (2006, 2014) sobre a natureza fluida e contextual da imagem, nas reflexões de Alberto Klein (2021) sobre a iconoclastia como um gesto violento e envolto em espetacularidade e nas ideias de Baitello Jr. (2014) sobre a função central dos símbolos como sínteses sociais.

A metodologia adotada consiste em uma análise das imagens associadas à Marielle Franco, considerando a teoria da imagem de Belting (2014) como base interpretativa. As técnicas de análise incluem a contextualização histórica e cultural das imagens, assim como a observação da iconoclastia e suas implicações simbólicas. A coleta de dados se apoia em fontes diversas, incluindo material visual, documentos históricos e análises críticas.

A estrutura do artigo está organizada de maneira a permitir uma compreensão sequencial do tema, iniciando pela fundamentação teórica, seguida pela exploração do caso de Marielle Franco, e culminando nas conclusões que derivam da interseção entre iconoclastia e teoria da imagem. Este artigo visa a contribuir para o entendimento crítico da repercussão das imagens e na construção da memória coletiva, destacando a importância da abordagem interdisciplinar para uma análise abrangente e contextualizada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base teórica deste estudo se apoia em uma dupla de conceitos-chave que esclarecem a relação entre imagens e iconoclastia. A teoria da imagem de Hans Belting (2006, 2014) e as reflexões acerca do gesto iconoclasta de Alberto Klein (2021) oferecem perspectivas distintas, mas que proporcionam uma compreensão profunda do tópico em análise.

A visão proposta por Hans Belting (2014) contesta a concepção tradicional que enxerga a imagem como uma entidade uniforme e universalmente compreensível. Sua teoria postula a relevância do contexto cultural, histórico e individual na definição e interpretação das imagens. Ao invés de considerá-las como entidades autônomas, Belting argumenta que elas são fortemente influenciadas pelas crenças arraigadas, práticas sociais e tecnologias predominantes em uma sociedade específica. Nesse sentido, a compreensão de uma imagem transcende sua manifestação física, estendendo-se às interpretações

pessoais e emocionais que lhe atribuímos. Essa abordagem antropológica reconhece sua natureza multifacetada e fluida.

Alberto Klein (2021) amplia a compreensão das imagens por meio de sua exploração da iconoclastia. A iconoclastia representa um gesto violento que visa à destruição dessas representações visuais. Diferentemente do apagamento, frequentemente facilitado por meio de censura, a iconoclastia é um ato teatral e desmedido, envolvendo a utilização de marretas, fogueiras e dilacerações para concretizar a destruição. Esse gesto iconoclasta é, em muitas ocasiões, permeado por emoções intensas e busca impor um castigo às imagens pelo que elas representam. A iconoclastia ilustra de maneira vívida a íntima relação entre figuras visuais e as emoções humanas, destacando sua capacidade de gerar impacto e visibilidade, mesmo quando se objetiva a sua destruição.

Complementando essas abordagens, Baitello Jr. (2014) enfatiza a função central dos símbolos como sínteses sociais que emergem da interação entre imagem e experiências. As imagens, segundo ele, têm o poder de convocar símbolos e submetê-los a rituais que renovam e atualizam seu significado, infundindo-lhes nova vitalidade e prolongando sua relevância simbólica. Esta perspectiva ajuda, aqui, na compreensão de como as imagens de Marielle Franco foram utilizadas para manter viva sua memória e prolongar simbolicamente sua luta por direitos humanos.

RELAÇÃO ANTROPOLÓGICA ENTRE IMAGEM, CORPO E MEIO

Neste capítulo, será explorada a concepção de imagem por meio da teoria de Hans Belting (2014), que sugere que a compreensão vai além da percepção isolada do objeto, envolvendo uma triangulação entre imagem, mídia e corpo. Belting destaca a imprecisão na formulação do conceito, ressaltando que tal imprecisão obscurece a realidade de que as imagens podem se manifestar de diversas maneiras e, portanto, podem ser interpretadas de modos distintos: “[...] Não apenas falamos de imagens diferentes da mesma forma, mas de formas diferentes sobre as mesmas imagens” (Belting, 2014, p. 7).

Ao abordar o conceito de imagem, é notável que Belting (2014) prioriza a indagação do “como”, ao invés do “o que” e “por que”. A essência de sua perspectiva reside na compreensão de como as representações visuais transmitem mensagens, superando a mera definição do que as constitui. Sob a orientação de Belting (2014), elas são consideradas não apenas produtos da percepção, mas também resultado de simbolizações, tanto a nível pessoal quanto coletivo. Qualquer elemento que capte a atenção, seja externo ou interno (como a mente, memórias, sonhos), pode ser interpretado como uma imagem ou passar por uma transformação para se tornar uma. Essa abordagem mais ampla destaca a complexidade do processo perceptual e simbólico, alinhando-se com a ênfase de Belting (2006) na compreensão do “como” na análise das representações visuais. Sua contribuição fundamental é a proposta da Antropologia da Imagem como uma ciência da imagem (*Bildwissenschaft*), que se baseia em três conceitos interdependentes: imagem, mídia e corpo.

(...) Na minha visão, entretanto, sua significância torna-se acessível somente quando levamos em conta outros determinantes não-icônicos como, no sentido mais geral, *mídia e corpo*. *Mídia* aqui, é para ser entendida não em seu sentido usual, mas no sentido de agente pelo qual as imagens são transmitidas, enquanto *corpo* significa tanto o corpo que performatiza quanto o que percebe, do qual as imagens dependem na mesma medida em que dependem suas respectivas mídias (Belting, 2006, p. 33).

Belting (2014) argumenta que, na língua alemã, não há uma distinção clara entre figura (*picture*) e imagem, sugerindo que essa aparente falta de diferenciação efetivamente conecta imagens mentais e artefatos físicos de maneira intrínseca. Com base nessa observação, ele propõe uma nova abordagem de iconologia, cuja abrangência busca unir o passado e o presente das imagens, transcendendo, assim, as limitações associadas exclusivamente à arte.

Belting (2014) estabelece sua definição de imagem em três componentes distintos. A primeira delas é a figura (*Picture*), que engloba tudo o que se manifesta visualmente, representando a estética de forma isolada, desvinculada de significado e sentido. Em seguida, tem-se a mídia, abrangendo qualquer agente capaz de transmitir imagens. Belting (2014) destaca a amplitude desse conceito, indo além das mídias de massa e incluindo qualquer meio apto de transmissão, seja o suporte de uma pintura tradicional ou um projetor digitalizando essa mesma pintura. Nesse contexto, a mídia entra em competição com o que ela transmite, sendo observado um fenômeno em que a redução da atenção em uma mídia visual intensifica o foco na imagem e vice-versa.

Na triangulação proposta por Belting (2014), o corpo desempenha um papel dual: atua como aquele que performa, ou seja, que se manifesta nas imagens, e também como aquele que recebe, percebendo as imagens. Belting (2006) destaca que, nesse contexto, o corpo não apenas recebe as imagens, mas também as performa internamente. Elas residem no corpo, aguardando serem convocadas pelo cérebro para se manifestarem. Essa dualidade implica que somos tanto detentores quanto produtores de imagens, transformando o corpo em nossa primeira mídia, uma mídia viva. Ele possui a capacidade de projetar ou recordar imagens, permitindo que nossa imaginação as modifique ou censure conforme necessário: “Imagens estão presentes por causa de e através de suas mídias, ainda que elas encenem uma ausência da qual elas são a imagem” (Belting, 2006, p. 49).

Segundo Belting (2014), a imagem tem a capacidade de assinalar a ausência, mas de uma maneira peculiar, caracterizada por uma presença específica, que o autor denomina como presença icônica. Sempre que as sociedades arcaicas se depararam com imagens, estas representavam seus entes falecidos, já desvinculados de seus corpos, ou ainda de divindades habitantes de um plano distinto. A vivência dessas representações nesse período estava intrinsecamente ligada a rituais, como o culto aos mortos, que facilitam a reintegração dos falecidos no mundo dos vivos. As imagens, em substituição ao corpo ausente, ocupavam o espaço da pessoa falecida. Dessa forma, estabelece-se uma correspondência direta entre a imagem e a presença daquele que está ausente. Ambas as presenças, a da imagem e a da pessoa ausente, emanam da analogia com o corpo. Elas se manifestam no corpo ou resultam da negociação entre corpo e mídia.

Ao explorarmos as teorias sobre imagem, mídia e corpo, conforme proposto por Hans Belting, percebemos que a compreensão da imagem transcende as fronteiras da percepção visual isolada. Belting (2014) nos convida a questionar não apenas o que uma imagem é, mas, fundamentalmente, como ela se manifesta, interage com mídias, e dialoga com o corpo. A abordagem do autor revela a complexidade intrínseca à natureza das imagens, destacando a sua capacidade de transcender os limites convencionais e assumir papéis dinâmicos na interação entre figura, mídia e corpo. A Antropologia da Imagem, delineada por Belting (2014) emerge como um campo de estudo que vai além da estética pura, adentrando os domínios da performatividade e da participação ativa do corpo na criação e interpretação das imagens.

Nessa perspectiva, a imagem não é apenas um produto visual, mas uma entidade viva, carregada de significados e imersa em uma complexa rede de relações com a mídia e o corpo. A dualidade do corpo, como agente que performatiza e recebe, destaca a sua centralidade na dinâmica imagética. Essa dualidade transforma o corpo em uma mídia viva, capaz de projetar e recordar imagens em seu mundo interno. A triangulação entre figura, mídia e corpo, delineada por Belting (2014), revela a interdependência entre esses elementos, proporcionando uma visão mais abrangente sobre como as imagens se manifestam e são interpretadas. A presença icônica, caracterizada pela capacidade única das imagens de marcar a ausência, adiciona uma nova camada de significado à nossa compreensão da imagem. Ao estabelecer uma correspondência direta entre a imagem e a presença daquilo que está ausente, Belting (2014) nos conduz a explorar a riqueza simbólica das imagens em diversas culturas e contextos.

ICONOCLASTIA E O CASO MARIELLE FRANCO

Na primeira seção vimos que as imagens podem surgir tanto de maneira física ou mental, ou seja, podem ser internas ou externas. Belting (2000) usa os termos “endógenas” e “exógenas” para classificar essa relação.

Os iconoclastas, na verdade, queriam eliminar as imagens da imaginação coletiva, porém conseguiriam somente destruir seus suportes midiáticos. O que as pessoas não pudessem mais ver, iria, como era esperado, deixar de viver em sua imaginação (Belting, 2006, p. 42).

No contexto Bizantino do Século VIII, a crise iconoclasta desencadeou um conflito significativo, polarizando as esferas religiosa e política do Império. Iniciada sob o governo do imperador Leão III, a iconoclastia dividiu a sociedade em duas facções: os iconoclastas, que se opunham às imagens religiosas, e os iconófilos, que defendiam sua preservação. Inicialmente, a iconoclastia surgiu como um esforço para purificar o Cristianismo da suposta idolatria ligada à veneração de ícones.

Compreendemos, por meio da análise da historiadora Caroline Coelho Fernandes (2015), que a crise iconoclasta no Império Bizantino revela motivações além das questões religiosas, incluindo fatores políticos e territoriais. O modelo autocrático bizantino, estabelecido desde Constantino, conferiu ao imperador uma autoridade divina, vinculando-o estreitamente à Igreja.

A iconoclastia, portanto, reflete a interseção complexa entre os poderes patriarcal, imperial e monástico. As razões para o surgimento desse fenômeno variam nas interpretações históricas, envolvendo desde influências semitas até motivações políticas e territoriais. Autores clássicos, como Ostrogorsky (1984) e Diehl (1961), abordam aspectos antimonásticos e a percepção do monasticismo como uma ameaça ao poder imperial. Já historiadores contemporâneos, como Shepard (2008) e Cormack (2008), enfatizam a resposta política às circunstâncias da época, como as invasões árabes e a ascensão do islamismo (*apud* Coelho, 2015). A relação entre poder e iconoclastia revela não apenas as tensões internas do Império Bizantino, mas também suas ramificações nas relações com o Ocidente, evidenciadas no posicionamento franco e na divergência com Roma. A crise iconoclasta, assim, transcendeu as dimensões religiosas, moldando as dinâmicas de poder e as interações entre os diversos elementos que constituíam o cenário Bizantino do período.

Conforme ressaltado por Baitello Jr. (2014), os símbolos desempenham uma função fundamental como sínteses sociais, originadas da complexa elaboração de amplos conjuntos de imagens e experiências variadas. Nesse contexto, as imagens têm a capacidade de convocar símbolos, submetendo-os a rituais que renovam e atualizam sua significância. A ritualização, nesse contexto, implica na inserção desses símbolos em um tempo em que são recriados, conferindo-lhes uma nova vitalidade e prolongando sua relevância ao oferecer uma sobrevivência simbólica. Considerar a ritualização como um meio de infundir vida renovada nos símbolos oferece uma perspectiva intrigante sobre a evolução dinâmica da linguagem simbólica e sua influência contínua na sociedade. Essa abordagem enriquece a compreensão da complexidade intrínseca à relação entre imagens e símbolos, destacando seu papel vital na transmissão de significados culturais ao longo do tempo.

Assim, imagens são, por natureza, fóbicas. Evocam e atualizam o medo primordial da morte, uma vez que elas originariamente foram feitas para vencer a morte. O medo da morte é que nos conduz a emprestar a vida e a longa vida aos símbolos. Pois é em sua longa vida que prorrogamos e prolongamos a nossa própria vida simbolicamente. As imagens não apenas evocam arqueologicamente as representações da finitude, como também trazem à tona as figuras associadas ao obscuro universo da sombra, resgatando suas personagens e sua arqueologia. (Baitello Jr., 2014, p. 16).

Conforme destacado por Belting (2014), a essência intrínseca da imagem transcende suas limitações midiáticas, com o corpo servindo como o meio natural de sua expressão. No contexto da análise do gesto iconoclasta, essa abordagem sugere implicações significativas, uma vez que o objetivo desse gesto é retirar as imagens de circulação, focalizando-se na eliminação de sua medialidade física. Essa ação, conforme apontado por Klein (2021), caracteriza-se como um ato iconoclasta, uma manifestação violenta voltada para a destruição das imagens, porém restrita à sua presença física.

É válido salientar que a iconoclastia não se limita às circunstâncias de sua manifestação física (Klein, 2021). As imagens endógenas possuem a capacidade de fortalecer-se simbolicamente, mesmo na ausência de suportes materiais. Esta observação revela uma dinâmica complexa na qual a violência iconoclasta, embora busque eliminar a presença física das imagens, não necessariamente extingue sua relevância simbólica. Considerar essa dualidade na natureza do gesto iconoclasta proporciona uma compreensão mais aprofundada das complexidades envolvidas na relação entre o físico e o simbólico na iconoclastia. Este enfoque enriquece a discussão sobre o papel da imagem, destacando a necessidade de considerar tanto sua materialidade quanto sua capacidade de persistir como símbolo, independentemente da forma física. “Mesmo que o objetivo seja, por fim, o apagamento, o ato de iconoclasta quase sempre se reveste de espetacularidade. Por isso, o ato iconoclasta é geralmente perpetrado por alguém acometido pela fúria” (Klein, 2021, p. 111).

A relação entre a espetacularidade e a fúria levanta questões sobre a natureza performática da iconoclastia. O ato de destruir imagens não é apenas funcional; ele se torna um espetáculo que busca chamar a atenção e provocar uma resposta. Isso sugere uma dimensão comunicativa no gesto iconoclasta, em que a fúria e a espetacularidade não são apenas expressões emocionais, mas também estratégias de comunicação que buscam influenciar a percepção pública das imagens e do gesto em si.

É possível analisar através do Triunfo do Espetáculo de Douglas Kellner (2006) no momento que estamos falando sobre a espetacularização do ato. Kellner, inspirado por Debord (1967), argumenta que estamos testemunhando o surgimento de uma nova configuração cultural, marcada pela proliferação de megaespetáculos e eventos interativos que permeiam diversos aspectos da vida moderna, incluindo a política. Ele destaca como a mídia desempenha um papel central na produção dessas exibições, transformando acontecimentos sociais e políticos em narrativas sensacionalistas que moldam a percepção pública e influenciam os pensamentos, comportamentos e identidades individuais e coletivas.

Durante as eleições presidenciais de 2018, período marcado por intensa polarização política, e poucos meses após o brutal assassinato da vereadora Marielle Franco, manifestantes decidiram fixar uma placa em homenagem à parlamentar sobre a sinalização da Praça Marechal Floriano, no Rio de Janeiro. No entanto, essa manifestação de reconhecimento foi abruptamente interrompida quando dois políticos, à época filiados ao Partido Social Liberal (PSL), deliberadamente quebraram a placa ao meio (Figura 1) (Cruz, 2018). Esse incidente simbólico reflete não apenas a tensão política da época, mas também evidencia o choque de perspectivas e a resistência simbólica que pode surgir em meio a um cenário político acirrado.

O incidente mencionado na notícia, quando políticos quebraram uma placa em homenagem à vereadora Marielle Franco, pode ser interpretado à luz da teoria da iconoclastia de Klein (2021). A ação de destruir um símbolo político relevante à esquerda ocorrendo em um contexto de polarização política e controvérsias, assemelha-se a um gesto iconoclasta. A destruição da placa pode ser vista como um ato simbólico de desafio e resistência, visando a apagar ou contestar os significados associados à figura de Marielle Franco e à mensagem que a placa representava. Assim, o episódio reflete uma manifestação contemporânea da iconoclastia, indo além do contexto religioso para abranger aspectos políticos e sociais.

Figura 1 – Parlamentares quebram e exibem a placa em ato político



Fonte: Ponte (2018)

Uma semana após os políticos Rodrigo Amorim e Daniel Silveira, então candidatos ao legislativo estadual e federal, respectivamente, pelo PSL, terem quebrado publicamente a placa em homenagem a Marielle Franco, durante um ato em meio às eleições presidenciais de 2018, manifestantes se reuniram na Cinelândia, no Rio de Janeiro, para expressar sua solidariedade e repúdio à destruição do tributo à vereadora assassinada (DW, 2018). Na frente da Câmara dos Vereadores, os organizadores distribuíram mil novas placas simbólicas com o nome de Marielle Franco, reproduzindo sinalizações de rua (Figura 2).

Figura 2 – Mil placas foram distribuídas na Cinelândia



Fonte: Deutsche Welle (2018)

Cada participante teve a oportunidade de retirar uma dessas placas, sendo instruído a sair do local com o objeto protegido dentro de um envelope, uma precaução diante da possibilidade de represálias. Os manifestantes, em um gesto de resistência criativa, formaram um mosaico humano nas ruas

da Cinelândia, dando forma ao nome da vereadora assassinada (Figura 3). Essa manifestação, visível apenas do alto, representa uma resposta significativa do público, destacando a importância simbólica e a rejeição à tentativa de apagar a memória de Marielle Franco.

Figura 3 – Mosaico humano com o nome de Marielle



Fonte: Deutsche Welle (2018)

A manifestação na Cinelândia, marcada pela distribuição e exibição simbólica de placas com o nome de Marielle Franco, ecoa as ideias de Belting (2014) e Baitello Jr. (2014) sobre a natureza das imagens. Belting (2014) argumenta que nossas imagens internas são inapagáveis, sugerindo uma resistência intrínseca às tentativas de eliminação da memória. A ação dos manifestantes, ao reproduzir e disseminar o nome de Marielle Franco ilustra como a iconoclastia, mesmo quando manifestada por agentes externos, não pode apagar as imagens internalizadas na sociedade.

A iconoclastia, que é a violência contra as imagens, só consegue destruir o meio ou o suporte medial de uma imagem, isto é, seu aspecto tangível, material ou técnico. Deixa intacta a própria imagem, porque esta persiste com o espectador, e isto acontece apesar de a destruição da imagem ser tentada pelo ato iconoclastástico. Ao privar uma imagem de sua presença física, a iconoclastia visa igualmente despojá-la da sua presença pública, da sua existência na esfera pública. Neste caso, a destruição é tão simbólica como a instalação ou introdução original da imagem no espaço público. (...) Quando as estátuas colossais de Saddam Hussein em Bagdade foram derrubadas, os demolidores estavam a representar uma vitória simbólica sobre o tirano. Mas a simples eliminação de uma estátua pública ou de um quadro não pode garantir o que ela, em última análise, intenta, a saber, o esquecimento ou o desprezo pela imagem na mente das pessoas. (Belting, 2014, p. 16).

Baitello Jr. (2014) oferece uma perspectiva adicional ao abordar os símbolos como grandes sínteses sociais. A distribuição das placas não apenas reforça a presença simbólica de Marielle Franco, mas também ritualiza esse ato, conferindo-lhe uma nova vida e sobrevida, como Baitello Jr. (2014) sugere em sua reflexão sobre o poder dos símbolos.

Portanto, a resposta do público na Cinelândia transcende a mera rejeição à destruição física da placa; ela encapsula uma afirmação da resistência simbólica, apoiada por uma compreensão profunda

da persistência das imagens internas e do papel dos símbolos na construção social. Transcorridos quase quatro anos desde o trágico acontecimento que marcou a morte de Marielle Franco, em 14 de março de 2018, os dois deputados envolvidos na destruição da placa que homenageia a vereadora compartilharam uma foto peculiar. Nesta imagem, ambos exibiam sorrisos enquanto seguravam a metade da placa danificada em uma moldura, contendo parte do nome da vereadora. A atitude, conforme reportado pelo portal Veja, foi acompanhada das declarações de Rodrigo Amorim, que enfatizou a ausência de arrependimento em relação ao ato de destruição. Amorim alegou que o gesto foi uma resposta provocativa a um partido de orientação política oposta. Curiosamente, o objeto danificado repousava ao lado de um fuzil e de um retrato do senador Flávio Bolsonaro, adornando as paredes do gabinete de Amorim (Figura 4). Esses acontecimentos datam de 2022, tendo ocorrido na gestão do Ex-Presidente Jair Bolsonaro (Sartori, 2022).

Figura 4 – Parlamentares posam para foto com fragmento da placa

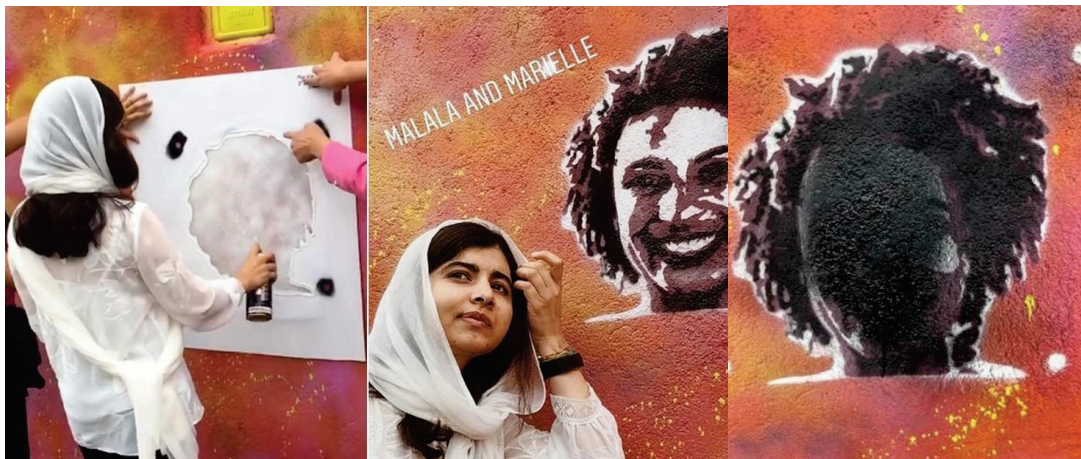


Fonte: Veja (2022)

A conduta dos deputados ao exibirem, quatro anos após o ocorrido, o ato violento nas redes sociais pode ser interpretado à luz das teorias discutidas anteriormente, acerca da iconoclastia. Inicialmente, a persistência em divulgar a destruição da placa pode ser compreendida à luz da teoria de Belting (2014), a qual argumenta que as imagens internas, uma vez consolidadas, são resistentes ao apagamento. Nesse contexto, a exposição contínua do gesto iconoclasta pode representar uma tentativa de reforçar a narrativa inicialmente construída, apesar do transcurso do tempo. Ademais, a atitude dos deputados pode ser analisada sob a perspectiva da teoria de Baitello Jr. (2014), que enfatiza a relação entre símbolos e imagens. Ao exporem repetidamente o ato iconoclasta, os políticos podem buscar fortalecer símbolos que representam sua posição política e desafiam o partido oponente, sem denotar arrependimento pela destruição da placa em homenagem a Marielle Franco. Por fim, a espetacularidade mencionada por Klein (2014) na iconoclastia também pode se fazer presente nessa conduta dos deputados, uma vez que a exposição do ato nas redes sociais pode visar a chamar a atenção, causar impacto e reforçar a mensagem política que desejam transmitir.

Em um episódio ocorrido em 2018, o mural estêncil elaborado pela paquistanesa Malala Yousafzai³, em julho, como outra expressão de homenagem à vereadora Marielle Franco, sofreu ato iconoclasta em dezembro, na cidade do Rio de Janeiro (Alves, 2018). Localizado na comunidade Tavares Bastos, no bairro do Catete, o retrato de Marielle foi encoberto por uma camada de tinta preta, suscitando reflexões sobre as complexidades envolvidas na preservação da memória e na representação pública (Figura 5). A ONG Rede NAMI, responsável pela iniciativa artística, anunciou a programação de um evento com o propósito de restaurar o mural, destacando, assim, a interação dinâmica entre expressão artística e resistência simbólica. Esse episódio ilustra, de maneira contundente, as nuances presentes na relação entre a iconoclastia, a memória coletiva e as manifestações visuais.

3 Malala Yousafzai é uma ativista paquistanesa pelos direitos das mulheres e pela educação. Sobrevivente de um atentado do Talibã em 2012, ela se tornou a mais jovem laureada com o Prêmio Nobel da Paz em 2014, aos 17 anos, em reconhecimento ao seu trabalho pela educação feminina.

Figura 5 – Montagem com a sequência de fotos do estêncil e vandalização da imagem

Fonte: G1 (2018)

Nesse contexto iconoclasta que se revelou na vandalização do grafite em homenagem à ve-readora Marielle Franco, é intrigante considerar a presença icônica, conforme proposta por Belting (2014). Para o autor, a natureza endógena das imagens transcende suas circunscrições midiáticas, tornando o próprio corpo o veículo das imagens. A iconoclastia, ao buscar eliminar a medialidade física das imagens, parece confrontar diretamente essa concepção, buscando apagar não apenas o símbolo, mas também sua presença enraizada no corpo social. Ao destruir a representação visual de Marielle, os perpetradores da iconoclastia parecem desafiar a própria ideia de presença icônica, que Belting sugere ser intrínseca às imagens. Esse gesto iconoclasta, marcado pela espetacularidade, evidencia o conflito entre a tentativa de apagamento e a persistência da presença icônica que, segundo o autor, é capaz de fortalecer simbolicamente mesmo na ausência de seus suportes materiais.

Ao entrelaçar as teorias de Baitello Jr. (2014) e Belting (2014), observamos como a iconoclastia não apenas nega a ritualização simbólica proposta pelo primeiro, mas também desafia a presença icônica destacada pelo segundo. Essa discussão sobre a iconoclastia revela a complexidade das relações entre imagens e sociedade, destacando a persistência e resistência simbólica que transcendem o tempo e as tentativas de apagamento. A crise iconoclasta no Império Bizantino, as manifestações políticas na Cinelândia e a destruição do mural de Malala Yousafzai são eventos distintos que, no entanto, convergem em torno do tema central da iconoclastia. A análise histórica da crise iconoclasta bizantina evidencia as múltiplas camadas que envolvem esse fenômeno. Para além das motivações religiosas, a iconoclastia revela-se como um campo de disputas políticas e territoriais, ecoando as dinâmicas complexas entre os poderes patriarcal, imperial e monástico.

Essa interseção de elementos ilustra como a iconoclastia vai além de uma questão teológica, sendo moldada por contextos sociais, políticos e culturais. A resposta contemporânea na Cinelândia, diante da destruição da placa em homenagem à Marielle Franco, destaca a resiliência simbólica e a capacidade de resistência da sociedade. A distribuição e exibição simbólica das novas placas simbolizam não apenas uma rejeição à destruição física, mas também uma afirmação da presença simbólica duradoura. A formação do mosaico humano, visível apenas do céu, acrescenta uma camada adicional de significado, sugerindo uma conexão entre a resistência simbólica e uma perspectiva mais ampla.

O episódio envolvendo a destruição do grafite de Malala Yousafzai acrescenta uma dimensão artística à discussão sobre iconoclastia. A intenção de restaurar o mural destaca a importância da expressão artística como forma de resistência simbólica. A interação entre expressão criativa e iconoclastia revela a natureza dinâmica das manifestações visuais na sociedade, desafiando as tentativas de apagamento e incentivando a renovação simbólica. A exposição pública, por parte dos políticos, do ato iconoclasta, quatro anos após a destruição da placa de Marielle Franco, demonstra a persistência da iconoclastia como estratégia política. Ao destacarem o gesto em redes sociais, esses agentes políticos buscam não

apenas reforçar suas posições ideológicas, mas também capitalizar sobre a espetacularidade do ato, utilizando-o como um símbolo político.

Dessa forma, a iconoclastia, em suas diversas manifestações ao longo da história e na contemporaneidade, revela-se como um fenômeno multifacetado, permeado por questões teológicas, políticas, sociais e culturais. A interconexão entre as teorias de Belting, Baitello Jr. e Klein oferece uma abordagem abrangente para compreender as complexidades da iconoclastia e suas implicações na construção e resistência simbólica na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A destruição da placa de Marielle Franco pelos parlamentares não apenas ressalta a complexidade da iconoclastia, mas também evidencia sua relação intrínseca com questões políticas, sociais e culturais.

Segundo Klein (2021), o ato de destruir imagens não é apenas funcional; ele se torna um espetáculo que busca chamar a atenção e provocar uma resposta. Isso sugere uma dimensão comunicativa no gesto iconoclasta, em que a fúria e a espetacularidade não são apenas expressões emocionais, mas também estratégias de comunicação que buscam influenciar a percepção pública das imagens e do gesto em si.

A resposta contemporânea na Cinelândia, diante do desmantelamento da placa em homenagem à Marielle Franco, destaca a resiliência simbólica e a capacidade de resistência da sociedade. A distribuição e exibição simbólica das novas placas simbolizam não apenas uma rejeição à destruição física, mas também uma afirmação da presença simbólica.

O episódio envolvendo a degradação do grafite feito por Malala Yousafzai acrescenta uma dimensão artística à discussão sobre iconoclastia. A intenção de restaurar o mural destaca a importância da expressão artística como forma de resistência simbólica. A interação entre expressão criativa e iconoclastia revela a natureza dinâmica das manifestações visuais na sociedade, desafiando as tentativas de apagamento e incentivando a renovação simbólica. A exposição pública, por parte dos políticos, do ato iconoclasta, quatro anos após a destruição da placa de Marielle Franco, demonstra a persistência da iconoclastia como estratégia política. Ao destacarem o gesto em redes sociais, esses agentes políticos buscam não apenas reforçar suas posições ideológicas, mas também capitalizar sobre a espetacularidade do ato, utilizando-o como um símbolo político.

Ao considerarmos a destruição de placas e outras imagens relacionadas à figura de Marielle Franco, emergem reflexões sobre o papel da iconoclastia na contemporaneidade. Segundo a perspectiva de Belting (2014), a imagem não se limita apenas à sua manifestação física, mas também possui uma existência exógena, transcendendo a sua representação superficial para habitar o domínio mental, seja coletivo ou individual. Portanto, a iconoclastia contemporânea, ao visar a destruição de uma imagem, na verdade atinge apenas o seu meio físico, não sendo capaz de apagá-la do imaginário. É como se, ao destruir a placa com a imagem de Marielle, os perpetradores não apenas desafiassem a sua presença física, mas também desencadeassem uma ressonância simbólica que amplifica sua relevância na memória coletiva.

Por se tratar de um gesto simbólico e envolto por espetacularização, a iconoclastia pode fortalecer a figura do indivíduo representado, no caso, transformando-o em uma espécie de mito midiático. Portanto, ao destruir a imagem de Marielle Franco, os deputados não apenas desafiaram sua presença física, mas também intensificaram sua presença simbólica na esfera pública, consolidando-a como um ícone de resistência e luta pelos direitos humanos.

Essa pesquisa evidencia a complexidade das interações entre imagem, presença icônica e sociedade, destacando a necessidade de uma abordagem mais aprofundada para compreender os impactos dos

atos iconoclastas na construção simbólica da sociedade contemporânea. A iconoclastia, longe de apagar uma imagem, muitas vezes acaba por fortalecer sua presença simbólica, gerando um impacto paradoxal que ressalta a força e a resiliência do imaginário coletivo.

Este estudo, no entanto, apresenta limitações. Não foi possível explorar a fundo as motivações individuais dos deputados envolvidos na destruição da placa, nem as reações específicas da sociedade diante desse evento e nem do caso do apagamento do estêncil. Dessa forma, sugere-se que futuras pesquisas abordem essas lacunas, investigando mais profundamente as nuances da iconoclastia contemporânea e seu papel na construção e desconstrução de imagens sociais. Além disso, seria relevante examinar o impacto desses atos na esfera pública e na opinião pública, considerando seu potencial de reforçar ou minar determinadas posições políticas. Em suma, este estudo destaca a importância de uma abordagem crítica e interdisciplinar para entender a iconoclastia contemporânea e seus desdobramentos na sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Raoni. **Grafite em homenagem à Marielle feito por Malala Yousafzai é vandalizado no Rio**. G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/12/18/grafite-em-homenagem-a-marielle-feito-por-malala-yousafzai-e-vandalizado-no-rio.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- ATO DISTRIBUIU MIL PLACAS COM O NOME DE MARIELLE NO RIO. **Deutsche Welle**, 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ato-distribui-mil-placas-com-nome-de-marielle-no-rio/a-45887808>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- BELTING, Hans. **Antropologia da imagem: para uma ciência da imagem**. KKYM+ EAUM-Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, 2014.
- _____. Imagem, mídia e corpo. Uma nova abordagem à iconologia. **Revista Ghrebh**, número 8, 2006.
- CRUZ, Maria Teresa. Apoiadores de Bolsonaro destroem homenagem em placa de rua para Marielle Franco. **Ponte**, 2018. Disponível em: <https://ponte.org/apoiadores-de-bolsonaro-quebram-placa-de-rua-com-nome-de-marielle-franco/>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- Fernandes, C. C. (2015). A MARCA CRISTÃ NAS RELAÇÕES DE PODER EM BIZÂNCIO E A CRISE ICONOCLASTA. **Anais dos Simpósios da ABHR**, 14.
- JUNIOR, Norval Baitello. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.
- KELLNER, Douglas (2004). CULTURA DE MÍDIA E TRIUNFO DO ESPETÁCULO. **Sociedade midiática**, v. 1, p. 119-140, 2006.
- KLEIN, Alberto. Contra imagens: apagamento, iconoclastia, devoração e demonização. **Revista Con-cinnitas**, v. 22, n. 42, p. 103-119, 2021.
- SARTORI, Caio. Quatro anos depois, dupla posa de novo com placa quebrada de Marielle. **Veja**, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/quatro-anos-depois-dupla-posa-de-novo-com-placa-quebrada-de-marielle>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SUBMISSÃO: 17/05/2024

ACEITE: 02/07/2024